

## UMA APRESENTAÇÃO DA CRÍTICA DE HUSSERL AO IMPERATIVO CATEGÓRICO FORMAL KANTIANO

*AN INTRODUCTION OF HUSSERL'S CRITIC TO  
THE ANT'S FORMAL CATEGORIC IMPERATIV*

Alexsandro de Souza Bergamasco<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo apresenta, em primeiro momento, aspectos em linhas gerais do imperativo categórico Kantiano. Aborda-se, em um segundo momento, a leitura que Husserl faz do imperativo categórico de Kant, apresentando a sua crítica formal a tal imperativo. Além disso, são apresentadas algumas semelhanças entre Kant e Husserl sobre o imperativo categórico no presente estudo.

**Palavras- chave:** Imperativo categórico. Razão. Prática. Renovação.

### Abstract

*This article presents, in a first moment, some general aspects of the Kantian categorical imperative. It discusses, in a second moment, the reading made by Husserl in relation of the Kantian categorical imperative, presenting his formal criticism about it. Furthermore, some similarities between Kant and Husserl about the categorical imperative are presented in this study.*

**Keywords:** Imperative categorical. Reason. Practice. Renovation.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Agência/Bolsa: CAPES. E-mail: alexsandro\_bergamasco@hotmail.com

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A questão do imperativo categórico em Kant e em Husserl é um tópico de inegável relevância no que se refere à filosofia prática. Sob essa diretriz, o artigo objetiva investigar alguns pontos que tanto Husserl e Kant entendem por este conceito e apresentar algumas semelhanças e a crítica de Husserl ao imperativo categórico kantiano.

A crítica de Husserl dirige-se a Kant no seguinte ponto: primeiro que o imperativo categórico kantiano é vazio de conteúdo empírico. Mas, a teoria só tem sentido se houver aplicabilidade no plano ético prático, daí tal imperativo não teria sentido sem conteúdo. Já se nota Husserl aponta à inseparabilidade do plano teórico do prático.

Outro elemento importante é a própria formulação do imperativo. Enquanto Kant entende que a máxima seja “faça de modo que a sua ação torne algo universal” Husserl apresenta à máxima “faça em todo momento o melhor possível entre o alcançável”. Logo, o imperativo objetiva fazer o melhor possível de acordo com as possibilidades que lhes são oferecidas. Esse fazer o melhor implica uma tomada de posição de viver de acordo com o imperativo categórico dotado de valor universal conforme a mesma. Isto é possível se o sujeito compreender e optar pela vivência do imperativo categórico que aponta para o melhor possível entre os realizáveis.

A ética de Husserl tem por objetivo renovar o sujeito individual que está inserido em uma coletividade. Neste sentido, a ética integra uma vida ativa em uma subjetividade racional tendo a razão como ponto de regulação da vida prática do sujeito. Logo, a função da ética está atrelada a uma busca o melhor possível. Nesse transcurso o imperativo oferece regras à vida prática para que se possa realizar o melhor possível. Lembrando que o sujeito constitui e decide viver de acordo o imperativo por ele criado que tende ao melhor possível.

## O IMPERATIVO CATEGÓRICO EM KANT

Kant escreve a obra intitulada *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (doravante, FMC), com intuito de apresentar uma ética baseada no dever. A proposta kantiana pauta-se em uma máxima nos quais as ações do indivíduo devem ser baseadas. “A presente Fundamentação nada mais é do que a busca e fixação do princípio supremo da moralidade, o que constitui só por si no seu propósito uma tarefa completa e bem distinta de qualquer outra investigação moral.” (KANT, 2007, p. 4).

Kant divide a FMC em três pontos. Na *Primeira Secção*, o autor apresenta a transição do conhecimento moral da razão vulgar para o conhecimento filosófico. No segundo momento a transição da filosofia moral popular para a Metafísica dos costumes. E, por fim, o último passo da Metafísica dos costumes para a crítica da razão pura prática.

O objetivo desta pesquisa está em focar na análise do imperativo categórico. O procedimento analítico exige o esclarecimento dos conceitos, por isso pergunta-se: o que Kant entende por imperativo? Essa análise passa pela importante destacar o verbo dever (*sollen*). Esse verbo expressa uma lei objetiva da razão para uma vontade que não é subjetiva e necessariamente determinada. Na FMC, Kant afirma: “Todos os imperativos se exprimem pelo verbo dever (*sollen*), e mostram assim a relação

da lei objetiva da razão para uma vontade que segundo sua constituição subjetiva não é por ela necessariamente determinada” (2007, p.48). A representação desse dever se dá em um princípio único e este governa as ações do sujeito. Tal representação tem a força de mandamento da razão e sua formulação leva ao nome de imperativo.

Todas as ações do indivíduo são orientadas ou ordenada a uma objetividade não pautada na subjetividade, mas em uma lei universal da qual todas as ações morais devem estar fundadas.

Para Kant:

O praticamente bom é, porém aquilo que determina a vontade por meio de representações da razão, por conseguinte não por causas subjetivas, mas objetivamente, quer dizer por princípios que são válidos para todo o ser racional como tal (KANT, 2007, p. 48).

Para Kant, os imperativos são ora categóricos ora hipotéticos. Os imperativos hipotéticos “representam a necessidade prática de uma ação possível como meio de alcançar qualquer outra coisa que se quer (ou que é possível que se queira)” (KANT, 2007, p.49). Por outro lado, o imperativo categórico “(representa uma ação como objetivamente necessária por si mesma, sem relação com qualquer outra finalidade” (KANT, 2007, p.49).

Na *Segunda Secção* da FMC, o autor apresenta o princípio que pode ser sintetizado deste modo: “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal” (KANT, 207, p. 59).

Kant parece pretender formular um imperativo de modo que todas as ações sejam baseadas por todos os indivíduos. Percebe-se que há uma preocupação na formulação de tal imperativo. Wood comenta que “um imperativo é qualquer princípio através do qual um agente racional obriga-se a agir com base em fundamentos objetivos ou razões” (2008, p. 166). Desse imperativo, pode-se derivar todas as formulações que tenham como critério fundamental o dever, a saber, sejam de ordem moral.

Kant salienta que o imperativo categórico, por representar uma ação que não se limita a nenhuma condição, tem de ser considerado como imperativo da moralidade, isto é, um mandamento único da moralidade. Ora, considerar um imperativo categórico acarreta na busca de algum fim que não está fora dele, a saber, uma ação com objetividade por si mesma, boa em si independente de qualquer outra condição ou finalidade possível de ser efetuada. Kant apresenta o imperativo como um legítimo juízo moral de modo que este possibilita uma ação como a forma suprema de toda a obrigatoriedade.

Tendo em vista que o imperativo categórico é o único, em que as ações são independentes de fatores exteriores, Kant o sintetiza de acordo com a seguinte máxima: “age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal” (2007, p. 59).

Por ser considerado universal, do princípio do imperativo categórico pode-se derivar todas as formulações do imperativo do dever dele. Neste sentido, Kant apresenta o imperativo categórico sob três modos diferentes:

Primeiro, como fórmula da lei da natureza: “Age como se a máxima da tua ação se devesse tornar pela tua vontade uma lei universal da natureza”; em segundo modo, como fórmula da humanidade como um fim em si mesma: “Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na

pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio”; e, terceiro, como fórmula da autonomia: “(...) a ideia da vontade de todo ser racional concebida como vontade legisladora universal (...) A moralidade é, pois, a relação das ações com a autonomia da vontade, ou seja, com a legislação universal possível por meio de suas máximas”. (KANT, 2008, p. 61).

Para Wood<sup>2</sup>, o imperativo representado sob o viés da natureza, o considera enquanto sua forma. Por outro lado, o imperativo enquanto forma da humanidade o considera sob o ponto de vista de valor que racionalmente determina a submissão do sujeito ao imperativo.

O imperativo observado sob a fórmula da autonomia considera-o sob o aspecto de sua autoridade. Percebe-se que o objetivo último do imperativo é proporcionar uma ação baseada em uma máxima de tal modo que não haja nenhuma interferência externa. As ações não são orientadas por qualquer outro interesse que não seja o dever.

Percebe-se dois elementos fundamentais na ética de Kant. Primeiro que o sujeito age de acordo com a máxima do imperativo do imperativo por dever. Segundo que essa máxima é válida universalmente de tal modo que todos os sujeitos devem viver de acordo com essa máxima.

## A CRÍTICA DE HUSSERL AO IMPERATIVO CATEGÓRICO KANTIANO

Passa-se agora à crítica que Husserl dirige ao imperativo categórico kantiano. O texto base para apresentar a crítica intitula-se *Renovación del hombre y de la cultura*. A crítica tem início na formulação do conceito. Em Kant, a ética repousa-se no princípio da autonomia. Essas normas determinam as ações tendo como ponto de regulação a razão. Por outro lado, a ética Husserliana direciona ao social. “La renovación del hombre, del hombre individual y de la colectividad humana, es el tema supremo de toda ética” (HUSSERL, 2002, p. 22). Percebe-se que em Husserl há uma ideia de uma ética direcionada a uma renovação do homem individual que está inserido em uma coletividade.

Pero además la ética no es mera ética individual, sino también ética social. Y por el hecho de que se someta a investigación ética individual la conducta práctica de cada hombre individual para con sus «semejantes», o sea, para con sus contemporáneos en la unidad de la colectividad, no se tiene ya la ética social. Hay también, necesariamente, una ética de las colectividades en cuanto colectividades (HUSSERL, 2002, p.22).

Husserl e Kant diferem, em primeiro momento, da compreensão do próprio conceito de ética. Para Kant uma vida eticamente vivida, pauta-se na autorregulação pela razão do sujeito perante suas ações. Por outro lado, a ética Husserliana direciona ao social, como renovação do homem.

O sujeito é compreendido por Husserl, como um ser livre que possui uma autoconsciência de sua vida de seus valores de modos que é capaz de avaliar as ações de modo consciente e reflexivo de modo que possui a capacidade de buscar o melhor possível. Sobre esta questão Fabri comenta que “se existem bens que podemos escolher, é incorreto não realizar algum deles. É um dever escolher um deles, embora seja sempre uma escolha que se verifica na precariedade de uma contingência” (FABRI, 2012, p. 41).

<sup>2</sup>Cf. Allan WOOD, *Kant*, (Porto Alegre: Artemed), 2008.

Em Kant, embora haja uma autonomia, o sujeito é convidado a agir racionalmente de acordo com leis de modo que ele dá a si mesmo a sua lei moral e uma ética baseada no dever. O sujeito coloca o imperativo categórico como lema para sua vida.

Um dos pontos que em Husserl há certa aproximação com Kant é que ambos entendem que o sujeito deve possuir autonomia em suas ações e escolhas. Em Kant o sujeito tem o dever de agir de modo categórico. Isto é, sujeito deve ser capaz de agir de modo desvinculado de seus impulsos. As ações devem ser embasadas em uma reflexão sobre si mesmo e fazendo que não haja interferência externa, mas as escolhas devem ser pautadas em uma autêntica autodeterminação tendo o imperativo categórico como fio condutor.

O autor compreende que o sujeito não pode se limitar a viver segundo seus impulsos e inclinações, mas sim a partir de uma reflexão sobre si mesmo e suas ações, fazendo com que o Eu se torne um Eu que determina e elege a si mesmo. Husserl compreende que uma vida ética é aquela que é vivida de acordo com seu imperativo. Isto é, viver de modo que as ações sejam as melhores possíveis.

Na obra *Renovación del hombre y de la cultura* Husserl comenta que:

Sólo puede ser << hombre verdadero >>, valorable como bueno sin más, en la medida em que voluntariamente se somete a si mismo al imperativo categórico; a este imperativo que, por su parte, no dice outra cosa que: Sé hombre verdadero. Conduce tu vida de modo que siempre puedas justificarla en la evidencia. Vive en la razón práctica (HUSSERL, 2002, p. 31).

Percebe-se que tanto para Kant e para Husserl, para que o sujeito tenha uma vida ética, consciente de seus valores e limites, deve agir de acordo com o imperativo pautada na razão. Logo, podemos afirmar que quanto mais o sujeito se autorregula e embasa suas ações no imperativo, mas perfeitas são suas ações.

Husserl assinala que o imperativo kantiano está direcionado a questão do dever, pautado na razão. Porém faz uma observação apontando outro elemento importante as ser incorporado no imperativo. As ações pautadas no dever devem ser feito em cada momento do tempo de modo que essas ações exercidas possam ser as melhores possíveis de acordo com as possibilidades que lhes são oferecidas.

O imperativo em Husserl é visto como algo de obrigação habitual de modo que o querer no processo de autoeducação dos indivíduos coloca o imperativo categórico como uma obrigação habitual onde o querer atua em consciência disso. Desse modo, “Fazer o melhor possível” se transfere fenomenologicamente a cada ação sem necessidade de uma nova reflexão. O imperativo categórico só será interiorizado e posto em prática pelas pessoas, se algo consciente. Há, portanto uma tomada de decisão para que o sujeito opte por agir de acordo com o imperativo categórico.

A crítica direcionada a Kant estabelece, sobretudo quanto a sua formulação. Husserl comenta que o imperativo kantiano é vazio de conteúdo para a vida ética do sujeito.

El << imperativo categórico >> aun siendo tal imperativo, ciertamente no es más que una forma significativa pero vacía de contenido, de todos los imperativos individuales de contenido determinado que pueden ser válidos. Cuestión de una ética elaborada es entonces el trazado, en el interior de esta forma universal, de las especificaciones que vienen categóricamente

exigidas en relación con las formas de posibles personalidades y posibles circunstancias – por medio de una indignación sistemática y una crítica de las formas posibles de vida encerradas a priori en la esencia del hombre ( HUSSERL, 2002, p. 36) .

Para Husserl uma vida ética deve estar pautada no imperativo coletivo enquanto sua forma, porém possuir um caráter individual em seu método para alcançá-la. Logo, cada pessoa é portador de um imperativo categórico individual, uma ideia de ética individual de acordo com o seu mundo vivido.

Por outro lado Kant afirma a universalidade do imperativo categórico válido para todos os sujeitos. Há uma uniformidade, enquanto em Husserl cada sujeito possui um conceito de ética direcionada ao melhor possível a ser realizado, Kant já parte de um dever coletivo válido para todos. O que poderíamos identificar como individual em Kant seriam os princípios subjetivos do querer.

Há, portanto em Kant, segundo Husserl, uma limitação do indivíduo a aspirar a mais elevada forma de uma comunidade ética. A proposta de Husserl é que o sujeito deve agir de modo que suas ações ultrapasse o mero dever de direcionar suas ações de modo que possam ser consideradas universais. Mas, agir de modo que ela possa ser considerada o melhor possível entre o realizável, tendo uma vida carregada de vivências.

Sólo puede ser «hombre verdadero», valorable como bueno sin más, en la medida en que voluntariamente se somete a sí mismo al imperativo categórico; a este imperativo que, por su parte, no dice otra cosa que: «Sé hombre verdadero. Conduce tu vida de modo que siempre puedas justificarla en la evidencia. Vive en la razón práctica ( HUSSERL, 2002, p. 33).

Para Husserl, o indivíduo que opta por viver de acordo com o imperativo categórico deve fazer uma opção universal. Esta opção implica em escolher em viver conforme a norma do imperativo. Neste sentido, o sujeito toma o imperativo categórico como uma exigência de viver na constante busca optando pelo melhor entre o alcançável.

## **O IMPERATIVO CATEGÓRICO DE ACORDO COM HUSSERL**

Tendo apresentado alguns pontos da crítica direcionada ao imperativo categórico kantiano, passamos a uma breve apresentação de como Husserl reconstrói o imperativo apresentando da seguinte fórmula : “hacer en cada momento del tiempo lo que en él sea lo mejor posible y, así, hacerse siempre mejor según las posibilidades que el tiempo ofrece (HUSSERL, 2002, p. 33).

A máxima do imperativo em Husserl firmasse na valoração da pessoa individual. Cada pessoa é possuidor de capacidades práticas sendo capaz de agir individualmente de acordo com a máxima do imperativo. “La idea del bien práctico, como lo categóricamente exigido se refiere a la idea del ámbito práctico, que abarca em si todas las posibilidades prácticas” ( WALTON, 2003, p. 6).

Para Husserl, o melhor deve ser algo que está dentro do âmbito das possibilidades práticas, de maneira que o imperativo leve em conta as capacidades de cada pessoa. Toda comunidade ética tem o desejo de renovação, de modo que há uma decisão de viver de acordo com o imperativo a fim de realizar uma ideia de autêntica humanidade. O indivíduo ao dar-se conta que deve agir de acordo que suas

ações possam ser as melhores possíveis entre as realizáveis, através da autorreflexão, resulta em uma implicação de um conceito de responsabilidade, um compromisso, de viver de acordo com o imperativo.

Ambos os imperativos tendem ao mesmo fim. Isto é, buscam a universalização. A diferença é que em Husserl essa tomada de decisão está incorporada o melhor possível. No conceito de universalização está contido o conceito de possibilidade de viver de modo que as ações tornem as melhores possíveis, tendo uma vida autêntica numa totalidade na comunidade ética.

A realização de uma vida ética está imerso em uma tomada de decisão de viver na busca constante dos valores no transcurso da vida. Nessa busca, cada sujeito em sua esfera prática coloca um imperativo categórico individual. Walton<sup>3</sup> comenta que esse imperativo categórico individual é preenchido de valores superiores. São valores éticos absolutos pautados na exigência de uma realização. “Cada valor realizable puede conducir a nuevos valores en dirección hacia lo mejor posible o absolutamente debido”.

Melle<sup>4</sup> comenta que o imperativo categórico de Husserl está embasado nos valores de modo a estarem organizado em uma ordem hierárquica. De modo que todas as escolhas do sujeito estão pautadas nesses valores resultando em práticas de ações boas. A realização do melhor possível, dessas escolhas praticadas, é responsabilidade de cada sujeito. Portanto, há uma tomada de decisão pessoal. O sujeito decide, dentro da hierarquia de valores, viver de acordo que suas ações sejam consideradas as melhores possíveis. A busca de uma renovação ética estabelece-se na tomada de decisão do sujeito decidir pelo melhor entre o alcançável.

O imperativo categórico em Husserl se dá na busca da realização. Portanto, é um movimento constante. Porém, não se realiza por completo, pois a realização é um movimento parcial sendo possível haver progresso nessa realização.

Husserl introduz o conceito de *kairós*, que contribui para a realização do melhor. Nesse sentido, o sujeito é possuidor de infinitas possibilidades do próprio fazer em um mundo intersubjetivo.

Sendo o *kairós* entendido como um momento favorável e certo para realizar o melhor possível entre o alcançável, o imperativo categórico possibilita ao sujeito condições práticas de buscar o melhor possível que estão ao alcance do sujeito.

O sujeito possuindo as condições de possibilidade práticas exigidas pelo imperativo categórico possui por um lado um horizonte de possibilidades do sujeito ter uma vida autêntica baseada no conteúdo do imperativo categórico, a saber, os valores morais. Nesta esteira, Walton comenta que:

El *kairós* es entonces el instante oportuno para aplicación de un estilo de vida o habitualidad ética a la circunstancia particular como condición de posibilidad para la posesión de ese horizonte vital ético (WALTON, 2003, p. 6).

O sujeito ao tomar a decisão de agir de acordo com o imperativo categórico coloca em prática para alcançar o melhor possível. Mesmo se tal objetivo não seja atingido, justifica sua ação desde que haja uma busca constante para realizar tal fim.

<sup>3</sup> WALTON, R. J. Imperativo Categórico y Kairós en la Ética de Husserl. Tópicos Asociación. Revista de Filosofía. Santa Fé: Universidad Católica de Santa Fé, N.º 011, pp. 5-21, 2003, p. 15.

<sup>4</sup> MELLE, U. Husserl's personalist ethics. Springer Science Business Media. Bélgica: Katholieke Universiteit Leuven, Husserl Archives, 2006, p. 11.

*Thaumazein*, Ano VII, v. 8, n. 16, Santa Maria, p. 91-100, 2015.

Esto no altera nada en su imperativo categórico de la hora y en el imperativo categórico formal para su vida ética, a saber, inclinarse universalmente ante la exigencia categórica o más bien reconocer con alegría la exigencia de querer obrar, eligiendo libremente en general y en cada momento de la vida lo mejor posible (WALTON, 2003, p. 17).

Após analisar alguns pontos do imperativo categórico kantiano, por comparação, nota-se que o imperativo categórico husserliano pauta-se pelas possibilidades práticas objetivando o melhor possível para ações particulares de um sujeito em que está inserido em uma comunidade de indivíduos. Destaca-se, sobretudo que o imperativo husserliano está associado a valores superiores almejando uma ideia de progresso, na constante busca da realização mais perfeita possível entre o alcançável e favorável.

O imperativo categórico de Husserl firma-se na constante busca de afirmação de um eu autêntico que conduz uma vida regrada pelo poder justificar tendo uma vida fundada na razão prática.

## **A RELAÇÃO DO IMPERATIVO CATEGÓRICO EM KANT E HUSSERL**

Apresentado alguns elemento que compõe o imperativo categórico husserliano percebe-se que este equivale ao imperativo hipotético kantiano. Comparando os dois imperativos, nota-se que o imperativo categórico: “Faça em todo o momento o melhor possível entre o alcançável”, se aproxima da concepção de imperativo hipotético kantiano na sob o ponto que, em ambos os imperativos, há uma busca para a realização de ações boas.

Para Kant, o imperativo hipotético orienta as ações para alcançar qualquer outra coisa que se queira. Sendo assim, em ambos os imperativos, o categórico husserliano e o imperativo hipotético kantiano, tem por objetivo a realização de ações boas.

O imperativo kantiano fundamenta-se na lei moral de modo que o sujeito deve agir de acordo com a máxima estabelecida. Neste sentido, o imperativo categórico estabelece-se como uma norma, de modo que os indivíduos queiram que a máxima de suas ações seja considerada uma em lei boa universalmente.

Um ponto que o imperativo categórico de Husserl distancia do imperativo categórico de Kant, se dá enquanto a universalização e o dever. Para Husserl o imperativo se limita a máxima de modo que o dever, que é a figura central no imperativo kantiano, não se aplica em Husserl. O sujeito individualmente opta por agir de acordo com a máxima, mas estabelece individualmente o seu imperativo que objetiva o melhor possível dentre os realizáveis.

Em Kant o sujeito age de acordo com a máxima estabelecida pelo dever. Sendo essa máxima um dever de todos, portanto não há um caráter individual como em Husserl. Em Husserl o imperativo não possui o caráter de ser único e universal como o imperativo kantiano. Mas, destaca-se por valorar o individual. Cada sujeito estabelece um imperativo individual para, de acordo com a máxima Husserliana, orientar suas ações.

Por consiguiente, bajo el imperativo categórico, formalmente idéntico, de hacer lo mejor posible entre lo alcanzable, cada hombre tiene, en relación con su esfera práctica, su imperativo

categorico individual y en cada caso concretamente determinado, es decir, 'su imperativo categorico individualmente concreto' (WALTON, 2003, p 10).

No imperativo de Husserl está contida a ideia de progresso de modo que as ações podem tornar ainda melhores de acordo com as condições que são oferecidas. Portanto, não há uma rigidez estática nas ações. Em Kant, pelo contrário o imperativo categorico é único e universal de modo que sua formulação continua sempre a mesma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final dessa apresentação da comparação dos conceitos de imperativo categorico em Husserl e em Kant, percebe-se que ambos os autores buscam uma máxima para orientar o indivíduo para que as suas ações possam ser consideradas as melhores possíveis. Porém, ambas as concepções de imperativo categorico diferem quanto ao método. Em Kant o sujeito pauta-se no agir por dever de acordo com a lei moral. Em Husserl, valoriza-se a intersubjetividade de modo que o sujeito estabelece individualmente um imperativo que visa realizar o melhor possível.

Em Husserl, o imperativo, mesmo sendo direcionado aos indivíduos para que aja de modo que suas ações sejam boas, o autor incorpora a ideia de renovação, isto é, o sujeito está em um constante movimento de busca para atingir o melhor possível entre os realizáveis.

Pode-se dizer que ambos os autores concebem o imperativo categorico como um elemento fundamental para construir uma comunidade ética. Os indivíduos vivendo de acordo com o imperativo categorico compõem o ideal de uma comunidade ética de sujeito autênticos e verdadeiros consolidada na ética.

Um ponto que diferencia os autores diz respeito à própria análise do imperativo categorico. Pois, o imperativo categorico husserliano parece corresponder mais ao imperativo hipotético kantiano do que ao imperativo categorico, embora eles concordem que viver perfeitamente, de acordo com a ética, é ter uma vida baseada no imperativo categorico.

## REFERÊNCIAS

FABRI, Marcelo. **Ética pura e situações motivacionais: o sujeito moral em husserl**. Dissertatio. v. 12, 2012, p. 31-45, 2012.

FERRER, U. La Ética em Husserl. In: **Revista de Filosofia**. Madrid: Editorial Complutense. Vol. IV, n. 6, 1991, p. 457-467.

GREIMANN, D. A derivação kantiana da fórmula do imperativo categorico do seu mero conceito. In: **Revista da Sociedade Kant Brasileira**. Santa Maria: Editora Pallotti. v. IX, 2009, p. 41-57.

HÖFFE, O. Immanuel Kant. São Paulo: Martins Fontes, 2005. HUSSERL, E. **Renovación del hombre y de la cultura: Cinco ensayos**. Tradução de Agustín Serrano de Haro. México: Anthropos Editorial. Universidad Autónoma Metropolitana - Iztapalapa, 2002.

HUSSERL, Edmmond. **Renovación del hombre y de la cultura**. Tradução Agustín Serrano de Haro, Barcelona. Editora Anthropos, 2002.

KANT, I. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Tradução de Paulo Quintela, Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2007.

MELLE, U. **Husserl's personalist ethics**. In: **Springer Science Business Media**. Bélgica: Katholieke Universiteit Leuven, Husserl Archieves, 2006.

MINOTTI, Camila Ribeiro. **A concepção do imperativo categórico na ética de Husserl**. Intuitio, Porto Alegre, v. 5, n. 1, jul. 2012, p. 213-228

WALTON, R. J. **Imperativo Categórico y Kairós en la Ética de Husserl**. Tópicos Asociación. Revista de Filosofía. Santa Fé: Universidad Católica de Santa Fé, n. 011, 2003, p. 5-21.

WOOD, A. **Kant**. Tradução de Delamar José Volpato Dutra. Porto Alegre: Artemed, 2008.